

ASPECTOS ESTRUTURAIS DO JARDIM BOTÂNICO DE TERESINA NA INTERFACE COM O TURISMO

STRUCTURAL ASPECTS OF THE BOTANICAL GARDEN OF TERESINA IN THE INTERFACE WITH TOURISM

Anna Beatriz Silva Castro Ferreira*
Antonio Rafael Barbosa de Almeida**

RESUMO: O estudo apresenta uma análise da estrutura do Jardim Botânico de Teresina, ampliando as reflexões para dotá-lo de atratividade, com vistas ao estímulo a uma modalidade de visitação emergente - o turismo de jardins. Destarte, buscou-se analisar situacionalmente as estruturas físicas e as ações em torno da visitação pública do Jardim Botânico de Teresina enquanto *locus* para o lazer e o turismo. A investigação se relaciona com os pressupostos da pesquisa qualitativa, por meio da revisão da literatura e do estudo de campo, com o uso das técnicas da observação e da entrevista, esta última realizada com a gestora do referido equipamento. Como resultados, foram identificadas as carências e restrições à visitação e a necessária ação para que o equipamento reestabeleça de modo pleno as atividades inerentes ao uso público, a partir da reconfiguração e requalificação em seus aspectos físicos, bem como o desenvolvimento de ações recreativas e educativas que promovam a maior atratividade, ocupação e envolvimento perante o público.

PALAVRAS-CHAVE: turismo de jardins; atrativo turístico; área verde; Teresina, PI.

ABSTRACT: This study presents an analysis of the structure of the Botanical Garden of Teresina, expanding the reflections to provide it with attractiveness for residents and tourists, in order to stimulating an emerging type of visitation - garden tourism. Thus, we sought to situationally analyze the physical structures and actions around the public visitation of the Botanical Garden of Teresina as a locus for leisure and tourism. The study is related to the assumptions of qualitative research, through literature review and field study, with the use of observation and interview with the botanical garden manager. The deficiencies and restrictions on visitation were identified, as well as the necessary action for the equipment to fully re-establish the activities inherent to public user (garden visitor), based on the reconfiguration and requalification of its physical aspects, as well as the development of recreational and educational actions that promote the greater attractiveness, occupancy and involvement with the public.

KEYWORDS: garden tourism; tourist attraction; green area; Teresina, PI.

1 Introdução

Os deslocamentos e as viagens sempre estiveram presentes na trajetória e no desenvolvimento das sociedades humanas (PANAZZOLO, 2005). No entanto, se num passado remoto os motivos da movimentação dos grupos humanos estavam atrelados à busca por provimentos, segurança ou conquista de novos territórios, a partir da Revolução Industrial e da consolidação do sistema capitalista, o desfrute do tempo livre e o conhecimento de novas

* Graduação em Turismo pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: asilvacastroferreira@gmail.com.

** Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA-UFPB). Bacharel em Turismo pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: antoniorafael@ccsa.uespi.br.

culturas e paisagens passaram a figurar dentre os principais motivadores das viagens, instrumentalizadas a partir da organização de um ascendente e próspero setor - o turismo.

As condicionantes que possibilitam a emergência do turismo também estão por trás de um conjunto amplo de transformações no campo econômico, científico, tecnológico e social. Nesse sentido, o desenvolvimento do pensamento científico mobilizou e fortaleceu medidas de investigação, preservação e conservação da natureza por meio do surgimento de entidades botânicas, que ganharam cada vez mais notoriedade e prestígio na Europa e, posteriormente, em outras partes do mundo. Inicialmente utilizados para estudos medicinais e científicos, os jardins botânicos, enquanto espaços multidimensionais e multifuncionais (SILVA, 2013), passaram também a atrair a atenção e o interesse da população e de turistas, se convertendo em atrações, sobretudo para indivíduos mais afetos a experiências de visitação baseadas pelo conhecimento científico de espécies da flora e o desfrute da ambiência verde estabelecida. Tal interesse, inclusive, viria, décadas mais tarde, a estimular a criação de uma modalidade específica de visitação que hoje tem sido nominada de turismo de jardins.

A partir da observação das potencialidades em torno da visitação e do uso público em jardins botânico e dos demais espaços verdes urbanos, este estudo se debruçará sobre o Jardim Botânico de Teresina (JBotT), entidade oficialmente fundada a partir do Decreto municipal nº 11.396, de 1º de agosto de 2011, em área anteriormente conservada do município de Teresina, no Piauí (PI), e que outrora já tinha como missão o desenvolvimento de pesquisas científicas e atividades de educação ambiental (BUENO; COSTA, 2021).

Apesar de estar situado em um dos espaços legalmente protegidos mais antigos da mencionada cidade, e de ter sido, no ano de 2020, enquadrado como unidade de conservação municipal, nos últimos anos o referido Jardim Botânico tem enfrentado problemas na manutenção de suas atividades formativas e recreativas, o que tem afastado a comunidade de entorno, os demais moradores da cidade e turistas.

Diante disso, questiona-se se o estado da estrutura física do JBotT tem permitido e promovido a realização de atividades de lazer e educação ambiental para a população cidadina e para os demais visitantes. Identifica-se como hipótese de estudo que a carência em estrutura, equipamentos e segurança, não tem permitido o uso efetivo desse espaço, o que interfere diretamente nas atividades de visitação – em práticas recreativas, pedagógicas e turísticas – ao referido equipamento.

Para o alcance de uma resposta ao problema ora posto, tem-se o seguinte objetivo: analisar o estado situacional das estruturas físicas e as ações em torno da visitação pública do Jardim Botânico de Teresina enquanto *locus* para o lazer, o turismo e a educação ambiental. Metodologicamente, o estudo se relaciona com os pressupostos da pesquisa qualitativa, com a sua operação realizada em duas fases complementares: a revisão da literatura e o estudo de campo, viabilizado por meio de visita técnica à área protegida para sua análise situacional e a realização de entrevista estruturada junto à gestora da entidade.

2 Metodologia

A elaboração deste trabalho está vinculada aos preceitos da pesquisa qualitativa, de natureza descrito-exploratória, justificada pela compreensão de que a pesquisa descritiva se interessa por descrever as características de dada população ou fenômeno, e a pesquisa exploratória, por possui planejamento flexível, o que permite a investigação do tema sob diferentes ângulos, a partir, por exemplo, do levantamento bibliográfico e da realização de entrevistas (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Para o cumprimento de suas intenções, o estudo foi operacionalizado em duas fases: a revisão da literatura e a pesquisa empírica. No primeiro momento, portanto, a investigação se dedicou a análise teórica, por meio da pesquisa bibliográfica, e documental, com ênfase na constituição histórica e nas transformações que envolvem os jardins botânicos para, em seguida, identificar as relações com o lazer e o turismo. Após isso, buscou-se, através do uso de dados primários e secundários, caracterizar o JBotT no que se refere ao seu contexto dentre as demais áreas verdes de Teresina, os seus usos atuais, por meio da análise do estado de conservação físico e funcional, e as possibilidades de intervenção do equipamento.

Já no estudo de campo, realizado no primeiro semestre do ano de 2022, foram utilizadas duas técnicas específicas e complementares: a observação e a entrevista. A observação de campo foi adotada como meio de reconhecimento do objeto em estudo na perspectiva da análise diagnóstica de sua estrutura física e na coleta de dados *in loco*, ou seja, percorreram-se as principais áreas e trilhas do equipamento visitado sob o acompanhamento de um funcionário designado pela gestão da área no intento de identificar e registrar os aspectos estruturais do local investigado. Já a entrevista foi realizada com o auxílio de um

roteiro estruturado, conforme tratado pelos autores (PRODANOV; FREITAS, 2013), e a sua aplicação foi limitada, por razões operacionais, a atual gestora do JBotT. De posse dos dados, buscou-se sistematizar, analisar e interpretar qualitativamente as principais informações coletadas à luz da literatura levantada.

3 Referencial teórico

3.1 Breve percurso histórico e perspectivas dos jardins botânicos

O ideário atual da presença de áreas verdes no meio urbano está amplamente enraizado na história (LOBODA; DE ÂNGELIS, 2005, p.127). Ao remontar o início da trajetória desses ambientes e dos jardins é possível perceber que eles estão vinculados diretamente as grandes civilizações do mundo antigo, como a China, a Mesopotâmia, o Egito (MACIEL; BARBOSA, 2015) e, até mesmo, a América pré-colombiana (ROCHA; CAVALHEIRO, 2001) e tinham como propósitos principais embelezar aqueles espaços através da transmissão de sensações de prazer, tanto visual como olfativo, a cura de doenças e males e a manutenção de espaços sagrados, mas que, em dados casos, também já serviam de espaço de convivência.

Conforme Rocha e Cavalheiro (2001), os jardins botânicos, em específico, ganharam efetivo destaque a partir do século XVI, com a fundação do primeiro jardim botânico moderno - o *Real Orto Botanico della Real Università di Pisa*, na Itália. O renascimento cultural, marcado por transformações sociais na Europa no pós-Idade Média, contribuiu para mobilizar e fortalecer o interesse da sociedade da época na atenção aos aspectos culturais e artísticos dos jardins num momento em que as formas geométricas e a simetria predominam e a arquitetura foi bastante valorada (MATTIUZ, 2017). Para além do prestígio social e a contemplação estética, a catalogação e a pesquisa científica de espécies botânicas foram amplamente associadas a esses ambientes e motivou a permanência desses lugares como centros de estudo e ordenamento de plantas (GASTAL; ROCHA; CASTROGIOVANNI, 2018; ROCHA; CAVALHEIRO, 2001).

Em âmbito brasileiro, a primeira experiência na criação de jardins botânicos foi dada, ainda que de modo breve, em Recife, PE, no século XVII, através da iniciativa do príncipe holandês Maurício de Nassau. Já em fins do século XVIII foi implantado o Jardim

Botânico do Grão Pará, em Belém (PA), que realizou, dentre outras ações, a introdução de diferentes espécies vegetais exóticas, incluindo o café, e a domesticação de espécies nativas (PEREIRA; COSTA, 2010); ROCHA; CAVALHEIRO, 2001).

Apesar da primazia das iniciativas reportadas, foi apenas com a chegada da Família Real Portuguesa ao país, no ano de 1808, que se inaugura uma instituição mais sólida e duradoura, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ). A entidade, considerada a mais antiga do gênero em atividade na América Latina (JBRJ, 2014), se dedicou inicialmente a introdução de espécies exóticas à flora local e a reprodução das condições paisagísticas das capitais europeias do século XIX e permanece em atuação, a partir de outros princípios, missão institucional e interesses, até os dias que correm.

Aliás, ao longo do tempo os jardins botânicos se multiplicaram – com o registro de 3.758 instituições botânicas listadas, no momento da construção deste estudo, pelo *Botanic Gardens Conservation International* (BGCI), em todo o mundo e a ocorrência de 49 dessas entidades no país (GGCI-GARDENSEARCH, 2022) – e se diversificaram, com a consequente transformação de seus papéis, objetivos e escopo (CATAHAN; WOODRUFFE-BURTON, 2017; PARREIRAS, 2003). Nesse sentido, destacam-se os direcionamentos gerados a partir dos pressupostos da conservação da biodiversidade vegetal, dos estímulos à pesquisa científica e da educação, além da manutenção das áreas de refúgio para fauna e para o próprio homem urbano (KRISHNAN; NOVY, 2016).

Assim, tem se mostrado igualmente evidente no tempo atual que essas instituições têm buscado “intensificar ações para promover junto aos visitantes a percepção dos impactos da ação humana sobre o meio ambiente e a consciência dos efeitos negativos da perda da biodiversidade.” (PEREIRA; COSTA, 2010). A partir do exposto, a resignificação dos jardins no século XXI perpassa por:

[...] um papel crítico na abordagem de questões globais como mudanças climáticas, segurança alimentar, conservação da biodiversidade, educação ambiental, sustentabilidade e bem-estar humano. Para avançar nessas áreas de missão expandida, os jardins serão desafiados a abordar questões que se estendem além dos seus muros, colocando a responsabilidade social e ambiental como principais impulsionadores da missão institucional. (KRISHNAN; NOVY, 2016, p. 9).

Nesse processo, se configura a maior aproximação dessas entidades aos moradores da cidade, o que amplia a sua relevância social. Destarte, os jardins botânicos se inserem no contexto das demais as áreas verdes urbanas, como praças, parques ambientais e

bosques, que são cada vez mais valoradas e procuradas por oferecerem aos indivíduos a possibilidade de maior qualidade de vida, lazer e experiências sensoriais em meio aos fragmentos verdes presente nas cidades.

Esses ambientes também são relevantes, sobretudo, por disporem, como dito por Lazzari *et al.* (2017, p. 162), de um conjunto “diversificado de plantas e de habitats que podem ser utilizados como recursos didáticos para o ensino”, o que pode auxiliar na formação vivencial e plena dos indivíduos no contexto da educação formal e informal e nos diferentes níveis de ensino. Para tanto, a *práxis* do processo formativo deverá estar orientada pelos pressupostos da educação ambiental, que, através de uma perspectiva pedagógica interdisciplinar e crítica, se volta à construção da cidadania e do compromisso com o presente e futuro do meio ambiente (KONDRAT; MACIEL, 2013).

Soma-se aos fatores ambientais, o aspecto histórico-cultural - quase sempre existente nesses espaços - que evoca diferentes expressões do patrimônio cultural e paisagístico local (SILVA, 2013). Diante disso, os jardins botânicos também são vistos enquanto museus vivos (GASTAL; ROCHA; CASTROGIOVANI, 2018; PAIVA; SOUSA; CARCAUD, 2020), que ajudam a relatar a relação sociedade e natureza, as transformações da ciência e dos métodos científicos e a compreender e registrar os saberes tradicionais no uso da flora. São, portanto, *locus* de experiências virtuosas, assim, passíveis de estarem dentre os mais qualificados atrativos turísticos à visita em cidades.

Nessa direção, a tendência na diversificação dos interesses no turismo contemporâneo fez por emergir, conforme Gastal, Rocha e Castrogiovani (2018), o turismo de jardins, que, conceitualmente, expressa a experiência turística motivada pela visita a diferentes tipologias de jardins (PAIVA *et al.*, 2020) e a participação em atividades e eventos associados, como exposições, feiras, festivais e demais programações. Gastal, Rocha e Castrogiovanni (2018) tratam a referida prática de visita enquanto um segmento embrionário ou nicho em crescimento desde a década de 1990 em países europeus, como Grã-Bretanha e Portugal. Por outro lado, Silva (2013) enfatiza a sua origem inglesa e alemã, mas reconheceu a sua prática em países como Austrália, Singapura, Japão, Holanda, Canadá, dentre outros.

Assim, apesar de não terem sido inicialmente projetados para o uso público, tampouco para o turismo, as características museais, com a presença de coleções, fonte históricas e simbologias naturais e culturais, torna a visita aos jardins botânicos relevante e

atrativa em todo mundo, Paiva, Sousa e Carcaud (2020). De maneira abrangente, Mounce, Smith e Brockington (2017), utilizando os dados da plataforma *GardenSearch/BGCI*, indicaram a visitação nesses equipamentos na ordem de 500 milhões anualmente no mundo. Esses dados, embora temporalmente já defasados, permitem conjecturar diferentes oportunidades alinhadas ao estímulo ao lazer e ao turismo baseadas nessas entidades e em seus recursos científicos, arquitetônicos, contemplativos, culturais e recreativos, conforme também tratado no estudo de Smith e Harvey-Brown (2018) para a BGCI.

No entanto, mesmo com o reconhecimento de suas potencialidades no desenvolvimento de práticas de visitação e do turismo em jardins botânicos, inclusive no Brasil, é certo que alguns entraves podem inviabilizar o seu desenvolvimento pleno. Nesse sentido, Catahan e Woodruffe-Burton (2017) abordam as carências no gerenciamento estratégico e no marketing dessas entidades contexto britânico e que certamente podem ser ampliados para outras partes do mundo. Também se revelam como preocupações a diminuição do financiamento público, as restrições orçamentárias de modo geral e a necessária emergência de novos métodos de atração e geração de receita, como brevemente tratado por Krishnan e Novy (2016), para viabilizar as operações e programas formativos e de uso público. Ainda nos aspectos gerenciais, também se insere como desafio premente dessas instituições a conquista do diálogo e da inserção das comunidades de entorno na tomada de decisões colegiadas, o que certamente também influenciaria na ampliação e diversificação das visitas e a fidelização desse público, conforme tratado por Gastal, Rocha e Castrogiovanni (2018).

Por outro lado, Pereira e Costa (2010, p. 23) lembram que esses espaços se mantêm nos limites urbanos, e “tal proximidade, se por um lado potencializa as atividades desenvolvidas junto ao público visitante, por outro submete essas reservas às pressões do crescimento da cidade.” No caso dos jardins botânicos do país, as pressões e problemáticas podem estar associadas à violência, à especulação imobiliária, assim como nas inconsistências no planejamento urbano e nas diferentes fontes de poluição e degradação ambiental que acometem de modo contundente a quase totalidade das médias e grandes cidades brasileiras.

Frente aos desafios e possibilidades em qualificar os jardins botânicos enquanto espaços públicos voltados à pesquisa científica e a difusão de conhecimento para moradores e visitantes, é que se insere o necessário investimento na conservação de seu mobiliário e de suas instalações, juntamente com a atenção ao desenvolvimento de projetos de uso público e

educação ambiental, que auxiliam no alcance e sensibilização do público a partir de meios inclusivos, democráticos e acessíveis. Diante disso, se colocará em sequência, a análise do Jardim Botânico de Teresina no tocante aos seus aspectos físicos e estruturais na perspectiva do vislumbre de atividades de lazer, educação ambiental e turismo.

4 Resultados e discussão

O JBotT, instituição pública vinculada à administração municipal de Teresina, é uma entidade botânica criada oficialmente no ano de 2011, em área legalmente já conservada e cedida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) anteriormente denominada de Posto de Fomento Florestal, Parque do Ambiental do Mocambinho (PMT, 2011), e também já reconhecida por Parque Ambiental de Teresina. O referido equipamento público integra hoje um significativo, crescente e diversificado conjunto de áreas verdes disposto no espaço urbano do município², que, apesar de relevante, carece, em seus aspectos qualitativos, de “boa estrutura de uso e funcionalidade.” (BUENO; COSTA, 2021, p. 41), assim como, de instrumentos legais e gerenciais efetivos aplicados à sua proteção.

O Jardim Botânico de Teresina, localizado no bairro do Mocambinho, zona norte da cidade, compreende 36 hectares de área total (PMT, 2011), constituindo-se em uma das principais e mais extensas reservas da flora e fauna em perímetro urbano do município (Imagem 1 e 2). O espaço resguarda espécies vegetais da Mata dos Cocais e do bioma Cerrado, caracterizado “como floresta subcaducifólia, mesclada de babaçu (ou mata dicótilo-palmácea).” (SILVA, 2020, p. 334).

² O trabalho de Bueno e Costa (2021) listou a existência de 40 parques públicos urbanos (alguns deles, na verdade, enquadrados como unidades de conservação) em Teresina. Todavia, o mesmo trabalho chama a atenção sobre a existência de parques criados legalmente e não efetivamente implantados, ou aqueles que não possuem instrumentos legais de proteção.

Imagem 1 e 2 - Entrada principal e espaço externo do Jardim Botânico de Teresina



Fonte: Acervo do autor (2022)

Do ponto de vista legal, a área protegida foi reconfigurada pelo Decreto nº 19.503, de 12 de março de 2020, como Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), categoria de unidade de conservação que integra o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e pertencente ao grupo das UC de uso sustentável. De acordo com o seu órgão gestor, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Teresina (SEMAM), por meio de Manifestação Técnica nº 002/2021, a unidade possui um plano de manejo elaborado no ano de 2018, ou seja, antes da sua recategorização, ao qual não se teve acesso no momento deste estudo, e conselho gestor nomeado por meio do decreto municipal nº 19.730, de 06 de maio de 2020 (SEMAM, 2021).

O Jardim Botânico dispõe de espaços e equipamentos de lazer e convivência disponibilizados ao público sem a cobrança de taxa de visitação. Estruturalmente, a instituição é composta por centro de visitação, com auditório para a realização de atividades de educação ambiental, apoio administrativo, e banheiros, além de dispor do museu de História Natural e de laboratório de Taxidermia (desativado), de trilhas que permitiam a realização de caminhadas em percurso sombreado por vegetação arbórea e de viveiro de mudas (SEMAM, 2021). Todavia, no momento da visita de campo os espaços mencionados se encontram fechados para visitação pública - mesmo sem a existência de portaria ou instrumento legal que especificasse as razões oficiais para o não recebimento de visitantes. Por outro lado, a instituição manteve parte de suas atividades, como a realização de pesquisas científicas em seu interior e a produção de mudas, que segue em funcionamento e oferece importante contribuição para o reflorestamento do município, como já apontado por Barradas, Nunes e Lopes (2018).

Apesar da sua importância, o equipamento público passa por problemas estruturais significativos. Desde o advento da pandemia de COVID-19, em 2020, a área verde se encontra com restrições para o recebimento da visitação, devido, sobretudo, ao comprometimento quase que integral de seus aspectos físicos e funcionais. Isso porque há sinais evidentes de má conservação e problemas na manutenção, o que implica, dentre outras problemáticas, na insegurança da área e na falta de equipamentos que suportem a visitação pública efetiva dos usuários, situação presenciada a partir da estada *in loco* ao ambiente, quando se fez uso da técnica da observação.

Diante disso, foi possível constatar as carências contundentes na estrutura física do local. No ambiente construído, os destaques apontados foram as deficiências no auditório, que já se encontrava em desuso, em bebedouros e outros equipamentos com necessidade de manutenção ou reposição, bem como o museu, que por ter o seu acervo parcialmente defasado também já não recebia visitas. No ambiente ao ar livre, ou seja, na área verde em si, foram identificados problemas no mobiliário, com os bancos dos pontos de descanso e mesas quebrados ou retirados (Imagem 3 e 4), postes sem lâmpadas de iluminação e poucos brinquedos para crianças. Somado a isso, a calçada em frente ao parque apresenta danos e a deposição de resíduos em partes desse mesmo calçadão, o que dificulta a realização de caminhadas, prática comumente realizada ainda no tempo atual.

Imagem 3 e 4 - Problemas estruturais nas trilhas e no mobiliário ao ar livre do jardim botânico



Fonte: Acervo do autor (2022)

Também chamou a atenção o estado de conservação das trilhas ali existentes, já que com a interrupção da visitação há cerca de dois anos e, possivelmente, a escassez de

recursos financeiros e de colaboradores, elas não estavam plenamente limpas e manejadas, com o crescimento da vegetação em seus percursos – com a exceção da trilha da Ameixa, trajeto que dá acesso ao viveiro de mudas. Ainda, foi identificada a carência na rede de sinalização informativa e interpretativa ao longo das trilhas, o que impede tanto a locomoção autoguiada e segura pela área do parque, como também implica no menor potencial da interpretação ambiental e da difusão do conhecimento científico e dos saberes tradicionais das espécies botânicas presentes naquele ambiente para os seus frequentadores.

Outra problemática identificada foi a existência de trechos invadidos e ocupados pela população do entorno. A observação foi realizada a partir da constatação de pequenas plantações, esgotos e outros dejetos provenientes das residências de entorno da área protegida e sem a devida licença de uso ou posse da área. A ocupação irregular, que trouxe a supressão de parte da vegetação e a presença de fontes de poluição, ainda tem implicado na menor segurança, conforme informado pelo funcionário que realizou o acompanhamento em trilha. Diante disso, a livre e descontrolada entrada de pessoas não autorizadas abre espaço para a realização de delitos e/ou infrações e outras práticas em conflito com as funções da área verde, pondo em risco os visitantes e também os próprios colaboradores.

Por outro lado, alguns elementos físicos do equipamento merecem ser mencionados como positivos, tais como: a presença de banheiros amplos e em bom estado de conservação, a disposição de lixeiras (ainda que resíduos tenham sido encontrados em partes específicas da área externa e na área vegetada) e a existência do viveiro de mudas com o cultivo de grande variedade de espécies da flora nativa, plantas medicinais e espécies frutíferas. Para além do campo estrutural, também se evidencia o atendimento e atenção oferecida pelos colaboradores durante a visita, que pode ensejar a preocupação no acolhimento aos visitantes quando do retorno da efetiva visita à área.

Diante da observação do estado situacional das estruturas da área verde em destaque, buscou-se ouvir, por meio da técnica de entrevista, a representante do equipamento para identificar as justificativas e conhecer mais a fundo o funcionamento, os gargalos e as potencialidades do JBotT com foco nos aspectos inerentes ao uso público e à visita. Os principais resultados coletados foram, então, sistematizados no quadro seguinte³ (Quadro 1) e serão analisados na sequência.

³ Ressalta-se que para a realização da coleta de dados junto à entrevistada foi solicitado a mesma o preenchido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Quadro 1 - Respostas da entrevista à gestora do JBotT

Qual é/era o principal público frequentador do JBotT?	“Ele [o Jardim Botânico] já tem um bom tempo fechado, mas o principal público que frequentava aqui era de pessoas que fazem caminhada e escolas. A gente tinha um grande fluxo de excursões com as crianças para poder caminhar nas trilhas, o corpo de bombeiro faz treinamento aqui, a polícia militar faz treinamento aqui.[...] As escolas eram de toda Teresina, fazia o ofício, enviava pra SEMAM, abria o processo e autorização.”
Quais os principais equipamentos e estruturas disponíveis no JBotT?	“[...] Os equipamentos que tem e os de limpeza não têm atividade, o que consegue trazer para o parque e o treinamento do corpo de bombeiro [...]. Não estão investindo, já foi solicitado a SAAD ⁴ oito engenheiros, mas eles não querem tá gastando agora, porque quando o projeto foi iniciado tudo vai ser destruído, então disseram que não adianta ficar reformando, gastando dinheiro, porque vai ser desperdício de verba, já que vai destruir tudo e ser construído do zero. O projeto (de revitalização) está na SEMAM.”
Como descreveria a situação estrutural do Jardim Botânico?	“Está sem funcionamento, tá praticamente fechado e aguardando a reforma.”
A situação atual da estrutura e da segurança impede o maior uso por moradores do entorno e visitantes?	“Impede, impede bastante, porque as trilhas estão fechadas, estão sujas, estão sem manutenção, não temos guia, não temos estrutura pra receber o público, não temos bebedouro, não temos nada, pois estão aguardando a reforma como eu te falei. Nós estamos sem estrutura nenhuma pra receber o público no momento o jardim, na minha opinião era pra está fechado para o público.”
Qual a opinião sobre o Jardim Botânico ser ou vir a ser um atrativo turístico da cidade de Teresina.	“A minha opinião é que ele vai ser um dos melhores atrativos de toda Teresina, como eu te falei ele e um projeto inspirado em um projeto de Santa Catarina, [...], uma coisa de outro mundo. As crianças vão ter área de lazer, bibliotecas, borboletários, as trilhas todas equipadas, sinalizadas, então a gente vai ter fora outras coisas que estão inclusas no projeto, um mega auditório para acontecer reuniões e palestras, então a minha expectativa é muito grande quanto a esse projeto, na realidade contando os segundos. A gente vai conseguir dar um aparato muito grande para a população [...]. Então creio que aqui a gente vá receber um grande número, fora que agora com ele desativado, eu recebo vários pedidos de pessoas de fora querendo visitar, conhecer, porque acha um máximo ter uma reserva desse tamanho de 37 hectares no meio de uma capital [...]”

Fonte: Pesquisa de campo (2022)

De modo geral, as respostas oferecidas pela gestora por meio da entrevista ratificam o cenário de fragilidade estrutural, de insegurança e de escassez de recursos visualizados *in loco*. Ao mesmo tempo, elas contribuem no avanço da compreensão em estabelecer medidas que busquem dotar a área verde de qualificação e reestruturação em sua infraestrutura física e que, assim, possibilitem o recebimento ótimo dos moradores e demais visitantes, para as práticas educativas, recreativas e turísticas.

As respostas ainda apontam para as implicações do estado situacional nas atividades de visitação, com a interrupção das atividades recreativas e educativas e a

⁴ Superintendência de Ações Administrativas Descentralizadas.

identificação de possíveis usos conflitantes na área (como treinamentos militares e as invasões), e suscitam a busca por diferentes perspectivas de uso público e a necessária criação de programações e eventos que atraiam o público, e o desenvolvimento das práticas científicas e experimentais. Também foi percebido que é preciso avançar nas discussões para abranger as demandas comunitárias na gestão do equipamento, através, por exemplo, da plena atividade de seu conselho gestor, instituído no ano de 2020 – algo não mencionado pela representante do equipamento em sua fala.

As limitações estruturais identificadas no JBotT através desta pesquisa implicam em sua menor oferta de benefícios para a cidade, o que também se traduz no não alcance das intenções comuns aos diferentes jardins botânicos pelo mundo – a elaboração de ações voltadas a conservação da biodiversidade florística, o desenvolvimento de pesquisas científicas e a formatação de ações para o uso público, conforme tratado por diferentes autores (CATAHAN; WOODRUFFE-BURTON, 2017; GASTAL; ROCHA; CASTROGIOVANNI, 2018; KRISHNAN; NOVY, 2016). Esse contexto aprofunda as problemáticas observadas, já que o fechamento à visitação do espaço implica no maior distanciamento dos residentes no entorno e de outros públicos potenciais, bem como possibilita usos indesejados, como os que foram registrados ao longo da coleta de dados deste estudo.

A instauração do cenário de intervenção, na perspectiva da resolução das questões físicas e funcionais, conforme tratado pela entrevistada, deve se pautar pela participação pública, por meio da atuação do conselho gestor e de entidades associativas e comunitárias – opinando e decidindo o futuro do equipamento, e não somente na validação de projetos arquitetônicos e paisagísticos sem considerar a realidade e os interesses locais. A partir disso, será possível projetar a aplicação de programas de educação pública que visem o fortalecimento dos vínculos com as comunidades adjacentes e o desenvolvimento de diferentes atividades de visitação e participação, conforme orientado por Paiva *et al.* (2020). No que se refere a isto, a aproximação do equipamento às entidades escolares e o apoio de atividades de extensão universitárias favorecerão a elaboração de estratégias e práticas educativas, com a adoção de metodologias e meios interpretativos adequados e a posterior formação de monitores ambientais e condutores de visitantes para a atuação na instituição.

No tocante à visitação turística, ainda que se considere o incipiente conteúdo coletado pela entrevista sobre o assunto e os problemas estruturais e de conservação do equipamento observados *in loco*, é possível vislumbrar a articulação do mesmo ao turismo na

perspectiva de qualificar e promover a visitação, com a aproxima o e diálogo com o *trade* turístico municipal e o incentivo aos prestadores de serviços (como guias de turismo e condutores de visitantes) que ali poderiam, através de instrumentos legais de sele o, ofertar produtos e serviços de apoio aos frequentadores. Todavia, como apontado por Bueno e Costa (2021), os parques da cidade em sua maioria, a exemplo do JBotT, apresentam fragilidades no tocante as suas funcionalidades, o que acarreta a menor atratividade para o público potencial, o que exige o repensar em seus investimentos e meios de manuten o e sustenta o financeira.

Nesse contexto, o turismo de jardins, tratado como um segmento turístico emergente em nível mundial por autores como Silva (2013) e Gastal, Rocha e Castrogiovanni (2018), poderia vir a ser apresentado e discutido na realidade da cidade, em conjunto a outras expressões do patrim nio cultural e natural local, mas que, contudo, ainda não se coloca, até pelos fatores limitantes já mencionados, como prioridade e efetividade na gestão do Jardim Botânico de Teresina, tampouco da agenda atual de desenvolvimento turístico municipal.

5 Considera es finais

Mesmo situado numa das mais antigas e relevantes áreas verdes existentes no espaço urbano de Teresina, o JBotT não tem recebido aten o suficiente para garantir que as suas inten es de conserva o florística, de pesquisa e de participa o social sejam atendidas. A situa o encontrada a partir dessa investiga o evidencia o estado de precariedade estrutural, que só não   mais acentuado devido   a o benevolente dos colaboradores na tentativa de sua manuten o, mas que, ainda assim, tem inviabilizado temporariamente a articula o da entidade com o uso público de modo integral.

Em suma, o estudo identificou carências no tocante   infraestrutura interna do ambiente construído (com destaque para a área de auditório, museu e laboratório), nas áreas de vegeta o ao ar livre (ausência ou má conserva o da sinaliza o informativa e interpretativa nas trilhas, mobiliário público depredado, problemas de ilumina o, invasão do espaço público e polui o por efluentes líquidos) e também em sua parte exterior (calçadão e muro com trechos danificados e deposi o parcial de resíduos). Como consequência do

cenário descrito, ainda foi registrada a insuficiente segurança do local, que já foi palco para pequenos delitos e de presença de pessoas não autorizadas.

Sabendo da importância do JBotT para o lazer da população, assim como o seu potencial para o turismo da cidade, seria fundamental a sua reestruturação e requalificação, que até foi mencionada em forma de projetos e intenções através da fala da representante entrevistada. No entanto, mais do que as obras físicas em si, registrou-se neste trabalho a necessária reaproximação da entidade com a sociedade, sobretudo os moradores adjacentes, para que o mesmo passe de um espaço de depredação e temor, para um lugar valorado, acessível e presente na vida das pessoas que o usufruem.

Após as observações e apontamentos realizados, reafirma-se o imprescindível investimento para melhorias estruturais do Jardim Botânico de Teresina, que impliquem no gerenciamento contínuo e na aplicação de programas, projetos e ações laboratoriais, de conservação, uso público e de monitoramento da visitação. Espera-se, então, que este trabalho tenha configurado o estado situacional da entidade, ao passo que possa suscitar novas discussões em torno das funções e das contribuições do nominado equipamento, agora categorizado como unidade de conservação, para a cidade. Por fim, almeja-se que o estudo possa auxiliar na discussão e compreensão do lazer e do turismo em outras realidades de entidades botânicas pelo país, o que poderá repercutir na construção de outros estudos teóricos e técnicos afetos ao tema.

Referências

BARRADAS, M. T. T.; NUNES, P. B.; LOPES, L. C. A importância do viveiro de plantas do jardim botânico de Teresina (PI) como instrumento criador de áreas verdes. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, [S. l.], v. 14, n. 5, 2018. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/forum_ambiental/article/view/1957. Acesso em: 8 out. 2022.

BOTANIC GARDEN CONSERVATION INTERNATIONAL (BGCI). **GardenSearch**, 2022. Disponível em: https://tools.bgci.org/garden_search.php. Acesso em: 10 out. 2022.

BUENO, J. L. de C.; COSTA, L. M. S. A. Teresina e os parques públicos urbanos: uma análise a partir dos planos urbanos. **Revista Equador (UFPI)**, Teresina, v. 10, ed. 3, p. 26 - 44, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/view/11814/8086>. Acesso em: 10 set. 2022.

CATAHAN, N.; WOODRUFFE-BURTON, H. Strategically Managing Sustainable and Innovative Business Development in Uncertain Times: An Exploratory Study of Botanic Gardens. *In: THE 50TH ACADEMY OF MARKETING CONFERENCE, 2017. **Freedom through marketing: looking back, going forward**, Hull. [S. l.]: Hull University Business School, 2017.*

GASTAL, S.; ROCHA, V.; CASTROGIOVANNI, A. C. Jardins botânicos e turismo de jardins: pesquisa de audiência em Porto Alegre e Caxias do Sul, RS. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 170-186, abr. 2018. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1314>. Acesso em 01 de set. 2022.

JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. **História**. Rio de Janeiro: JBRJ, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/jbrj/pt-br/assuntos/299>. Acesso em: 15 set. 2022.

KONDRAT, H.; MACIEL, M. Educação ambiental para a escola básica: contribuições para o desenvolvimento da cidadania e da sustentabilidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n.55, p. 825-846, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/dz6fZcCbh9Y6bYTLySgyKSv/abstract/?lang=pt#>. Acessos em: 8 out. 2022.

KRISHNAN, S.; NOVY, A. The role of botanic gardens in the twenty-first century. **CAB Reviews**, v. 11, n. 23, p. 1-10, 2016. Disponível em: <https://www.cabidigitallibrary.org/doi/10.1079/PAVSNNR201611023>. Acesso em: 15 out. 2022.

LAZZARI, G.; GONZATTI, F.; SCOPEL, J. M.; SCUR, L. Trilha ecológica: um recurso pedagógico no ensino da Botânica. **Scientia cum Industria**, v. 5, n.3. 7. p. 161-167, 2017.

LOBODA, C. R.; DE ÂNGELIS, B. L. D. de. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais**, v. 1, n. 1, jan/jun, 2005. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/viewFile/157/185>. Acesso em: 9 set. 2022.

MACIEL, T. T.; BARBOSA, B. C. Áreas verdes urbanas: história, conceitos e importância ecológica. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 29, n. 1. p. 30-42, jan./jul. 2015. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cesRevista/article/view/87>. Acesso em: 1 set. 2022.

MATTIUZ, C. **Introdução ao Paisagismo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

MOUNCE, R.; SMITH, P.; BROCKINGTON, S. Ex situ conservation of plant diversity in the world's botanic gardens. **Nat Plants**, [S. l.], v. 3, p. 795-802, 2017. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41477-017-0019-3#citeas>. Acesso em: 5 out. 2022.

PAIVA, P. D. de O.; SOUSA, R. de B.; CARCAUD, N. Flores e jardins como contexto e potencial turístico. **Ornamental Horticulture**, v. 26, n. 1, p. 121-133, 2020. [online], Disponível em: www.scielo.br/j/oh/a/X4ggKStVhgg5jccTKC4kZqd/?format=pdf&lang=en. Acesso: 1 set. 2022.

PANAZZOLO, F. de B. Turismo de massa: um breve resgate histórico e a sua importância no contexto atual. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 3., 2005, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2005, p. 1-13. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt8-turismo-de-massa.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.

PEREIRA, T. S.; COSTA, M. L. M. N. da. Os jardins botânicos brasileiros – desafios e potencialidades. **Ciência e Cultura**. [on-line], v. 62, n.1, p. 23-25, 2010. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v62n1/a10v62n1.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale, 2013.

ROCHA, Y. T.; CAVALHEIRO, F. Aspectos históricos do Jardim Botânico de São Paulo. **Brazilian Journal of Botany** [on-line], 2001, v. 24, n. 4. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbb/a/YTrV9ZbX5FyLz6LMPpGxkYR/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2022.

TERESINA. Prefeitura Municipal. ~~DE TERESINA (PMT)~~. **Decreto nº 11.396, de 1º de agosto de 2011**. Dispõe sobre a criação do Jardim Botânico de Teresina, na forma que especifica. Teresina, 5 ago. 2011.

TERESINA. Prefeitura Municipal. ~~DE TERESINA (PMT)~~. **Decreto nº 19.503, de 12 de março de 2020**. Altera dispositivo do Decreto nº 11.396, de 01.08.2011, que criou o Jardim Botânico de Teresina, para reavaliá-lo para “Área de Relevante Interesse Ecológico”, na forma da Lei Federal nº 9.985, de 18.07.2000, na forma que especifica. Teresina, 18 mar. 2020.

TERESINA. Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. ~~DE TERESINA (SEMAM)~~. **Parques municipais administrados pela SEMAM**. Teresina: SEMAM, 2021. (Manifestação Técnica nº 002/2021, de 12 de julho de 2021).

SILVA, S. M. P. A dimensão patrimonial e o potencial turístico dos jardins históricos: o caso de Portugal. **Biblio 3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, [on-line], v. 18, n. 1053, 2013. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1053.htm>. Acesso em: 20 set. 2022.

SILVA, A. F. da. Potencial turístico das unidades de conservação piauienses: Jardim Botânico de Teresina. In: IVANOV, M. M. M. (org.). **Unidades de conservação do estado do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2020. p. 327-350. Disponível em:

https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/edufpi/AF_201210_02_MMM_Livro.pdf.
Acesso em: 1 out. 2022.

SMITH, P. P.; HARVEY-BROWN, Y. The economic, social and environmental impacts of botanic gardens. **Surrey:** Botanic Gardens Conservation International. 2018. Disponível em: <https://www.bgci.org/wp/wp-content/uploads/2019/04/BGCI%20Technical%20Review-The%20economic,%20social%20and%20environmental%20impacts%20of%20botanic%20gardens.pdf>. Acesso em: 7 out. 2022.